

**Doutorado**

*Instituto de Letras e Artes*

- Teoria da Literatura
  - Lingüística Aplicada
  - ★ Credenciado pelo Parecer nº 846/85 do C.F.E. de 5/12/85
- Informações: ILA — Fone: (0512) 36-9400, ramal 176

*Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*

- História Ibero-Americana
  - História do Brasil
  - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 2/10/86
- Informações: IFCH — Fone: (0512) 36-9400, ramal 295

*Faculdade de Odontologia*

- Estomatologia Clínica
  - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87
- Informações: FO — Fone: (0512) 36-9400, ramal 123

*Faculdade de Medicina*

- Medicina
  - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87
- Informações: FMED — Fone: (0512) 36-9444, ramal 662

*Faculdade de Educação*

- Educação
  - ★ Criado pelo Conselho Universitário em 10/12/87
- Informações: FED — Fone: (0512) 36-9400, ramais 220 e 235

## O LADO DAS SOMBRAS: literatura e sociedade em Cyro Martins\*

Antonio Hohlfeldt

"Pois bem, lá estou eu, de pé, a dois metros do arameado que defende carandamente a propriedade do estancieiro que, de compra em compra, de pedaço a pedaço, usando aquele método que conheço tanto, veio a se apossar da minha quadra de sesmaria onde ficava a venda do meu pai, a nossa casa. Seis ou sete cordas de arame bem estiradas atacam qualquer um (uu) Terrei que continuar do lado de fora! (uu) No entanto, sinto, neste instante estremecido, com a cumplicidade das palavras, dos gestos, dos andares, dos semblantes que animam minhas conjecturas e lembranças, sinto que estou do lado de dentro da cerca"

MARTINS, Cyro. *Apenas uma tapera*. Inc..... . Rodolfo. Porto Alegre, Movimento, 1976, p.26

Buscando cumprir a tarefa que me cometeu a Associação Internacional de Leitura, através da professora Maria da Glória Bordini, tive a feliz oportunidade de reler por inteiro a obra de Cyro Martins e também revisar a sua bibliografia crítica. E salta, então, aos olhos, antes de mais nada, a densa unidade que caracteriza a sua literatura — em que pese estar o exame crítico centrado em seus primeiros trabalhos, aqueles que integram o chamado ciclo do gaúcho a pé — bem como a profundidade de análises que encetou e provocou, em consequência, junto a seus leitores. Atendo-me, pois, o mais estritamente possível ao tema deste painel, "Ficção e Sociedade em Cyro Martins", tentarei demonstrar que, para além do ciclo do gaúcho a pé, Cyro Martins buscou ler e entender o Rio Grande, sua gente e sua história enquanto processo em evolução, cujas raízes antecediam de muito seu próprio tempo e cujas consequências projetam-se bem além de nossa época.

Sob tal perspectiva, é bom que nos lembremos que o debate que hoje realizamos concretiza-se tendo como pano de fundo uma nova etapa desta questão, a que o sociólogo José de Souza Martins denomina de "militarização da questão agrária", atingindo tanto ao camponês quanto ao índio brasileiros, bastando lembrar-se, neste sentido, o chamado Projeto Calha Norte que o

\* Conferência pronunciada no VI Seminário Internacional de Literatura do III Mundo, promovido pela Associação Internacional de Leitura — Conselho Brasil Sul e o Instituto Estadual do Livro.

Exército desenvolve na fronteira amazônica. E se chega até mesmo aos debates da Constituinte em torno da permissividade de lavra mineral nas terras indígenas, ou a frustrante atuação da "Nova República", no caso da Reforma Agrária, não se atingindo, sequer, as metas estabelecidas pouco antes de 1964, com o Estatuto da Terra<sup>1</sup>. Há, pois, um estado latente de violência em todo o país e especificamente na mais meridional das províncias brasileiras, que é o Rio Grande do Sul, e isso, desde a remota política de povoamento e distribuição de terras colonial, com a instituição da sesmaria, a prática contrária à lei de acumulação da propriedade rural por uma mesma família e a caracterização, enfim, daquilo que apropriadamente Auguste de Saint-Hilaire muito bem observou, em 1821: toda a terra tinha proprietário, ainda que ele estivesse absolutamente invisível e a terra vazia e improdutiva<sup>2</sup>.

Mais recentemente, passamos da pecuária extensiva à agricultura monocultural, agravando-se as condições sociais vigentes no estado. Na verdade, se observarmos com cuidado a história do Rio Grande do Sul, verificaremos que vivemos de crise em crise, de derrota em derrota, de utopia em utopia, sem jamais concretizar coisa alguma. E não são diferentes os tempos de agora, surpreendendo-nos, a cada momento, quando lemos documentos de 1835 ou de 1923, pela atualidade que contém em relação à dramática situação hoje sofrida em face do poder central.

José Hildebrando Dacanal divide a geografia gaúcha em dois grandes blocos, que caracterizam uma geografia econômica e política, tanto quanto histórica: abaixo da Depressão Central, cruzando do sudeste para o noroeste, a pampa, a pecuária, o primeiro grande ciclo rio-grandense do couro, animado pelo gado vacum. Acima da Depressão Central a serra, a segunda grande etapa histórica. O deslocamento geográfico de um para o outro, que se dá exatamente no início deste século XX, caracteriza dois momentos extremos de diferenciação de nossa história, o primeiro dos quais, por sua vez, deve necessariamente ser sub-dividido em dois grandes blocos, de que a chamada Revolução Farroupilha é a grande separação. Sinteticamente, pode-se dizer que até a Grande Década vivemos uma espécie de pré-história sul-rio-grandense, quando ocorre a gênese do gaúcho, a ocupação e divisão do território, a implantação da presença ocidental portuguesa. Num segundo momento, a institucionalização da ordem das elites, ao mesmo tempo em que expulsa e extirpa o tipo original humano – o gaúcho – proletarianizando-o enquanto peão na estância, ao erigir as cercas e exigir a relação de trabalho formal com o proprietário estancieiro, constrói ideologicamente o discurso que generaliza e borra as fronteiras sociais, desenvolvendo o mito: de marginal social a integrador ideal, o gaúcho desaparece da realidade para transfigurar-se na cultura.

A virada do século XX, contudo, caracteriza a implantação definitiva do capitalismo no Brasil, de tal sorte que se exige a modernização, mercê da pressão que se faz desde os grandes centros urbanos. A implantação da República, através de um golpe militar, é a condicionante de tal processo que encontra, no

Rio Grande do Sul, antecedentes de tendência militarista e centralizadora muito antigos. Contudo, as modificações impostas não impedem que as próprias elites se dividam e contradigam. Os antigos pecuaristas, organizados no Partido Republicano Rio-grandense, sob a égide do comitismo, não impedem que sua descendência, formada nos grandes centros, traga a semente do liberalismo. Os choques de 1893 e 1923 revelam estas contradições – distantes, na verdade, do populacho, seja o peão ou o marginal urbano – mas que, de qualquer modo, vão influir sobre seu futuro. A exploração do estancieiro sobre o peão não o impede de depender do charqueador, eventualmente transformado ou sofrendo as pressões do frigorífico, que por seu lado depende das decisões do poder central. Este, enfim, deve organizar um país, e os interesses regionais, no Rio Grande do Sul, acabam prejudicados. A política do café com leite, na eleição de 1930, dá o toque final: a Frente Única Rio-grandense, que elegera em 1928 Getúlio Vargas como presidente da província, reunindo pica-paus republicanos e maragatos federalistas, transmuta-se na Aliança Liberal, Vitorioso Júlio Prestes, é Getúlio Vargas quem chega ao Catete. Na expressão de Sergius Gonzaga, venceu a política do compromisso<sup>3</sup>, em nível nacional, da mesma forma que em Pedras Altas, meia década antes, as elites haviam encaminhado soluções parciais para a reformulação política sem entregarem seu poder a qualquer outra classe: em ambos os casos a imensa maioria do povo brasileiro, e no Rio Grande do Sul, peões agora transformados em gaúchos a pé e marginais citadinos, tanto quanto camponeses transmutados em colonos das encostas da serra, não foram consultados ou atendidos. Para eles, a política dos coronéis ou a politiquice provinciana centralizada a partir de então nos centros urbanos, não lhes dizia respeito: apenas deveriam sofrê-la, caladamente, e ainda que eventuais rebeldias tenham ocorrido, como no período de 1917, com a greve dos ferroviários e a grande greve geral, a persistência de tais movimentos seria esmagada terrivelmente, como ocorreu em 1918, ainda sob a égide do governo de Borges de Medeiros. Os coronéis perderam a Brigada Militar, federalizada por Getúlio Vargas, Flores da Cunha acabaria apeado do poder após a Revolução Constitucionalista de 1932 liderada pelos paulistas, a intervenção ganharia espaço no Rio Grande: mas no fundo, no fundo, os marginais continuavam à margem.

É na análise deste período, o processo que explode na Revolução de 1893 para ganhar novas dimensões em 1923 – sem resolver-se, porém – até a Revolução de 1930, ou seja, especialmente as décadas de vinte a quarenta, que se constitui na obra do escritor Cyro Martins. De um lado, são os seus anos jovens, de formação, onde as impressões ficam mais fortes. De outro, são, historicamente, os anos em que grandes mudanças ocorrerão na província.

Cyro Martins nasceu em Garupá, distrito de Quaraí, em 1908. Em 1916 muda-se com a família para o Cerro do Marco. Em 1920 vem estudar em Porto Alegre, iniciando estudos de Medicina em 1928. Formado em 1933, retoma a

sua terra natal, onde ficará até 1936. Neste meio tempo, publica **Campo fora**, primeiro livro, com uma série de contos regionalistas. Mas já um ano depois, em 1935, após a morte do pai, edita **Sem rumo**, romance com que iniciaria o ciclo do gaúcho à pé. É significativo observar-se que neste mesmo ano comemora-se o centenário da Revolução Farroupilha.

Moacyr Scliar, em pequeno estudo publicado quando das comemorações dos setenta anos do escritor, alude a sua prática médica como provável influência nas anotações e perspectivas literárias do jovem artista<sup>4</sup>, o que é confirmado pelo próprio escritor em entrevista a mim concedida. Acho, contudo, que se deve somar pelo menos um outro elemento biográfico importante, que se pode depreender do romance **Sombras na correnteza**, em que a personagem central é o bodegueiro Bilo, seu pai. É que Cyro sempre viveu no ambiente da bodega (comércio). Ora, a bodega não estava nem dentro nem fora do universo da estância: ela se encontrava num território à parte, que é o corredor, que ligava e unia as duas realidades, a rural e a citadina. Unia duplamente, na medida em que a bodega vende e revende produções de um universo para outro e, geograficamente falando, está na estrada, na área de comunicação entre esses dois espaços. Assim, é uma visão não preconceituosa o que se vai esboçar gradualmente no escritor, ajudado pela coincidência de seus anos de juventude e amadurecimento intelectual coincidirem com as grandes transformações que aqui se operavam. Ora, tanto concomitantemente quanto, no futuro, retrospectivamente, Cyro Martins apropriar-se-á desta matéria-prima, transformando-a em elemento ativo de suas narrativas.

É sobre esse período de transição, pois, de crise, de passagem, de movimento, que se fixa a obra de Cyro Martins. E isso porque nada mais dramático (da palavra original grega, drama – movimento) que tal período. E por isso a incidência permanente de imagens como "cinzas", "sombras", "correnteza", "errante", "correr", "rumo", a rememoração da caminhada dos gaúchos até o obelisco carioca em 1930, e por aí fora. Estamos sempre no campo semântico do movimento, cabendo-nos, no entanto, perquirir para onde vai e para onde nos leva tal movimento, o que já é uma outra questão. Mas observemos, ainda, na corroboração desta afirmativa, que, ultrapassando o chamado ciclo do gaúcho à pé, quando Cyro Martins, muitos anos depois, retoma sua obra literária, já amadurecido, profissional e artisticamente, é ainda sobre tal período que se debruça ou, mais especificamente, encurtando o período, fixará os movimentos políticos em torno da chamada Revolução de 1930: **Sombras na correnteza** abrange os anos de 1922 a 1928; **A dama do saladeiro** vai de 1930 a 1936; **Gaúchos no obelisco** fixa sua atenção entre 1929 e 1937; **O príncipe da vila** recua para 1917, mais ou menos, mas já **Na curva do arco-íris** toma o período de 1901 a 1927, e por aí fora. Ou seja, pode-se analisar a obra martiniana, sob tal perspectiva, como um claro movimento que, assim, caracterizaríamos:

a) **Campo fora** – narrativa mítica

b) **Sem rumo** – início do ciclo de crítica ingênua, que vai até **Estrada nova**, devendo-se diferenciar a gradação que existe de um para outro texto, passando pelo que muitos classificam de pessimismo de **Porteira fechada** até a expectativa socialista do final de **Estrada nova**.

c) **Sombras na correnteza** – marca um distanciamento e uma retrospectiva aprofundada do tema, num movimento muito semelhante àquele empreendido por Eríco Veríssimo, na criação de **O tempo e o vento**, com a diferença de que o significado dos tempos e espaços, na obra de um e outro escritor, são absolutamente diversos, como veremos a seguir. Nesta fase, aliam-se e equilibram-se duas tendências: a racionalização dos processos vividos e a empatia pelas personagens, de tal forma que chegamos aos seus dois mais recentes textos, **O príncipe da vila** e **Na curva do arco-íris**, em que existe uma admirável renovação formal narrativa no escritor gaúcho: cresce a perspectiva da personagem, ao mesmo tempo em que se amplia a apreensão do processo, inclusive com a incidência da ironia e do lirismo em percentuais até então não trabalhados por ele, embora sempre existentes em suas obras anteriores.

Explicamos melhor: gostaríamos de apontar, no caso de **O príncipe da vila**, certa proximidade da personagem martiniana com o Quincas Borba machadiano, embora despido do feroz negativismo do escritor mestiço. Em ambos os trabalhos, contudo, o que temos é uma figura anti-heróica, incapaz de adequar-se ao meio que escolhe para sobreviver e impossibilitado de jogar as regras do jogo capitalista e que, por isso mesmo, enlouquece, melhor maneira de retirar-se e alhear-se da violência que tal processo lhe provoca. Ora, a fortíssima incidência da ironia nesta obra remete-a a uma outra que é também paradigmática, **Porteira fechada**, cuja finalização, a menção à "paz dos campos" carrega toda a denúncia intentada pelo escritor. A diferença entre os dois textos é que, naquele, a denúncia vem impregnada de panfletarismo e de envolvimento emocional, enquanto que neste a distância e a racionalização permitem-lhe uma perspectiva filtrada em relação ao processo analisado. Quanto à **Na curva do arco-íris**, é bom que se registre a ênfase dada à personagem feminina, o que, aliás, Cyro Martins ensalara em **Sombras na correnteza**, sem levar totalmente a cabo. No seu romance mais recente, contudo, a personagem feminina – erigida no fio condutor da ação, é também uma projeção do autor – difere quase uma invenção, o que funciona igualmente como filtro crítico, capaz de ampliar-lhe a compreensão do processo social abordado. Neste sentido, aprofunda-se e condensa-se definitivamente o procedimento literário que desde **Sem rumo** Cyro Martins intentava, com variados graus de resultado nas obras anteriores: narrar através de personagens que não se reduzem à perspectiva individual e personalista, a exemplo do que ocorre com o **Antônio Chimango**, de Amaro Juvenal, por exemplo, mas criar personagens que sejam parte de um coletivo maior, colados na História. Assim, da mesma forma que alguns dados da biografia do escritor devem ser analisados ao lado dos acontecimentos históricos que ocorriam naquela época, para que se possa entender sua caminhada pes-

soal e literária, também suas personagens são abordáveis sob a perspectiva de ações particulares mas que refletem e se refletem na conjuntura social.

Uma análise detalhada do que se poderia denominar de projeto literário de Cyro Martins corrobora essa interpretação. Há uma perfeita interação entre a consciência crítico-teórica do intelectual com a produção ficcional do escritor. Assim, a famosa conferência da "Semana do Cobertor", ainda em Quaraí, em 1935, quando pela primeira vez ele se vale da expressão "gaúcho a pé", coincide com a produção de *Sem rumo*, onde tal figura avulta e se consolidará nos trabalhos seguintes. Da mesma forma, em 1944, sua conferência "Visão crítica do Regionalismo", de 1944, corresponde à maturidade do projeto até então desenvolvido e a desenvolver e que vai concretizar-se em *Porteira fechada*, editado naquele mesmo ano. Há uma absoluta consciência do fazer literário em Cyro Martins, o que se comprova, ainda mais uma vez, no prefácio de *Sombras na correnteza*, quando o escritor afirma ter dado "um passo adiante no tema do 'gaúcho a pé', sem todavia exauri-lo"<sup>6</sup>, depois de ter explicitado, com muita clareza:

"É explorado largamente o conteúdo significativo da comédia política e caudillesca, com a generosa simpatia pelos homens e suas fraquezas, tão necessária quando se ambiciona criar no mundo da ficção".

Influenciado em sua juventude pela literatura de Alcides Maya, mais tarde pelos ensaios de Augusto Meyer, lendo os naturalistas franceses e convivendo com aquela dramática realidade, Cyro Martins mostrou-se capaz de romper com o modelo até então vigente entre os letrados da província, inaugurado com o Partenon Literário da metade do século anterior: a construção do discurso das elites. Mantendo-se equidistante tanto do realismo socialista quanto do hermetismo burguês, que condena, Cyro Martins constrói exemplo único do que Emildo Stein viria a denominar de "literatura menor no seio da 'grande' literatura", numa perfeita adequação da forma ao conteúdo, e que pode ser assim sintetizada: para representar e dar voz a um segmento absolutamente marginal e destituído de fala, havia que criar uma "língua oprimida". Daí a afirmação, na conferência de 1944, de opor ao "regionalismo" que era a marca da prosa e da lírica gaúcha de até então, o "localismo" com que se identifica o escritor, constituindo sua obra, então, "documento precioso de uma época", na arrojada acepção de Emildo Stein<sup>7</sup>. Aliás, é interessante notar-se, como o fez Carlos Dante de Moraes, que ao período de certo desenvolvimento pecuário, que caracterizara o final do século XIX, correspondia um desenvolvimento da lírica, enquanto que no período de crise que surgirá a partir de então, contando apenas com o interregno da 1ª Grande Guerra, se responderá com o surgimento de uma prosa forte<sup>8</sup>, da qual Cyro Martins será, neste sentido, o mais importante representante, constituindo-se inclusive, no dizer de José Hildebrando Dacanal, num dos "cinco ou seis autores mais expressivos do ciclo" do romance de trinta<sup>9</sup> em nível nacional.

Este período, caracterizado pela troca de mãos do poder rural, que passa do estancieiro para a cidade, que transforma a estância na propriedade rural, segundo a excelente análise que faz do processo Paulo Xavier<sup>10</sup>, que permite a introdução da estrada-de-ferro e até mesmo do automóvel e do caminhão, em confronto com a manada de bois e o cavalo, que gera a hipoteca das fazendas, a troca da pecuária extensiva pela agricultura maquinizada através da modernização econômica, gera toda a massa de homens sem alma e desenraizados, definitivamente marginalizados que constituem as figuras de Cyro Martins: expulsos do campo, marginalizados na cidade, integram-se ao contexto latino-americano do "lado de sombras", na expressão de Emildo Stein, que ainda hoje vivemos e sofremos. Longe de optar pelo saudosismo da tapera, característica de Alcides Maya, contudo, Cyro Martins buscou um outro caminho, de que o umbu é símbolo maior: raquítico, sofrido, alquebrado, violentado, mas vivo, resistente e, de certo modo, também um vencedor. Daí que sua literatura, que se alimenta do passado, não quer a recuperação da identidade como é característica em toda a gauchesca regionalista. No território da infância a que Cyro Martins retorna, inclusive fisicamente como no significativo episódio de 1975, quando vai visitar, pela primeira vez desde sua partida dos pagos, a antiga bodega do Cerro do Marco, o escritor constrói a consciência da perda, e é tal processo que ele constrói literariamente, agudizando-o à medida em que amadurece e distancia-se dos episódios que a geraram. Daí a diferença qualitativa dos primeiros livros em relação aos mais recentes. Na análise do processo que gerara o retirante de Graciliano Ramos de *Vidas secas*, por exemplo, como registramos em nosso livro *Gaúcho: ficção e realidade*<sup>11</sup>, Cyro Martins podia parodiá-lo como o fez, potencialmente, ao final de *Porteira fechada*:

"e estes campos continuariam enviando para as cidades gente forte como João Guedes e Maria José, que lá haveriam de perder-se..."

Inverte-se, assim, o processo experimentado de cooptação, por parte dos intelectuais ligados ao Partenon Literário. No século passado, desaparecido o gaúcho, por força das elites, ele é transfigurado ideologicamente no tipo literário e artístico idealizado. No caso de Cyro Martins, condenado ao desaparecimento por força desta mesma estrutura violenta, o gaúcho a pé encontra sua redenção e resistência nas palavras que a literatura lhe coloca à disposição.

Resta-nos ainda um ponto a abordar, Cyro Martins negou-se, desde 1944, a integrar o que se convencionou denominar de regionalismo. Opôs-lhe o que chamou de localismo. Na prática literária, contudo, como se pode observar tal comportamento? Quais são, em última análise, as características da ficção de Cyro Martins? Tentamos, a seguir, alinhar algumas delas:

a) já apontamos a situação não de oposição, mas de complementariedade que existe entre o individual e o coletivo. Ou seja, na literatura de Cyro Martins, nenhuma figura acha-se despregada de seu contexto de classe, de tempo,

de história. Cada personagem tem uma função específica e exemplifica determinada idéia ou ação;

b) decorrência desta primeira observação, os campos sociais acham-se claramente demarcados, sem se cair, contudo, no maniqueísmo de funções mecânicas. Ou seja, existe o universo do estancieiro e o do peão, mas esses mundos não se encontram estanques, eles se comunicam entre si e com outras realidades mais amplas dentro do contexto em que se acham inseridos. Assim, em muitas obras, o escritor pode desenvolver paralelismos enriquecedores das situações analisadas, demonstrando os múltiplos e por vezes até contraditórios papéis sociais que uma mesma personagem venha a desempenhar;

c) na discussão que se estabelece entre o regionalismo e suas oposições, pode-se observar que, ao contrário do que ocorre naquela corrente, em que a paisagem reflete a personagem, na obra de Cyro Martins existe uma permanente oposição entre a paisagem e a personagem. Distanciamos-nos, assim, de uma visão romântica ou idealizada, aliás, tal como ocorre também em Graciliano Ramos, em oposição a José Lins do Rego, por exemplo. A finalização de *Porteira fechada* é, neste sentido, antológica;

d) em decorrência desta observação, assume o escritor a perspectiva de um localista em oposição ao regionalista, de onde:

1. estabelece-se, ao nível da narrativa, a oposição entre a evocação, característica do regionalismo, e o testemunho, que é a linha assumida claramente pelo escritor; ou seja, Cyro Martins não culpa estruturas anônimas ou o acaso. Ele sabe que existe um processo social em marcha, com regras específicas, que devem ser identificadas, compreendidas e modificadas para que se suspenda tal violência;

2. conseqüentemente, ao tempo mítico característico do regionalismo, Cyro Martins prefere o tempo histórico, claramente caracterizado através da menção a determinados acontecimentos, sem que, com isso, pretenda realizar um romance histórico, como aliás alerta seus leitores, ou uma crônica à semelhança das segunda e terceira partes de *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo;

3. abre mão, assim, o escritor, de trabalhar com "causos", onde temos heróis e tipos, preferindo situações dramáticas específicas, com densidade psicológica, e cujo clima por vezes até trágico - na medida em que sobrepõe certa impossibilidade e descrença de algumas personagens em reagirem e resistirem ao que sofrem - gera muito mais a figura do anti-herói, na clássica divisão de Goldman;

4. ao embate externo, pois, à ação das guerras de ocupação, a partir do que avultava o heroísmo, Cyro Martins prefere as convulsões internas, no duplo sentido; intra-muros da nacionalidade, pois os interesses confrontados são os

das diferentes províncias ou das classes sociais da nação, e, ao mesmo tempo, o choque que se dá internamente na personagem que, nesta condição, muda, se transforma, evolui ou involui no relato ficcional;

5. assim, temos uma narrativa que prefere trabalhar a essência ao invés da aparência, indo fundo nas raízes das situações enfocadas, tanto quanto dos sentimentos de suas personagens, o que só é possível graças à empatia do criador pela criatura;

6. num universo em que positivismo e liberalismo estão em choque, Cyro Martins busca descortinar os horizontes abertos, rompendo as paredes, muros e cercas que oprimem suas criaturas. Daí porque optou conscientemente por uma "literatura menor" no seio da chamada "grande literatura", ou seja, buscou construir um discurso semântica e sintaticamente identificado com o universo que aborda.

Em síntese, eis a obra do escritor de quem hoje comemoramos em seus oitenta anos. Coerente, unitária, acima de tudo humanista e crítico. Num momento em que a literatura brasileira enfrenta uma série de crises, sobretudo a pior delas, que é a falta de assunto sobre o que falar, Cyro Martins nos dá uma soberba demonstração de como o tema escolhe o autor e informa o estilo. Sem artificialismos e sem formulismos.

Porto Alegre, julho de 1988

<sup>1</sup> MARTINS, José de Souza - A militarização da questão agrária no Brasil. Vozes, Petrópolis, 1984. E também: A Reforma agrária e os limites da Democracia na Nova República. HUCITEC, São Paulo, 1988.

<sup>2</sup> SAINT-HILAIRE, Augustus. Viagem ao Rio Grande do Sul. Itatiaia, Belo Horizonte, 1974.

<sup>3</sup> GONZAGA, Sergius. Gules de leitura - Estrada nova. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1985.

<sup>4</sup> SCLAR, Moacyr. Retrato do escritor como jovem. In: Caderno de Sábado do Correo do Povo. Porto Alegre, 5.8.1978.

<sup>5</sup> HOHLFELDT, Antonio et BERNHARDT, Yvonne. Cyro Martins, aos 70 anos, inicia nova saga da vida rio-grandense. In: Caderno de Sábado do Correo do Povo, Porto Alegre, 5.8.1978.

<sup>6</sup> MARTINS, Cyro. Sombras na correnteza. Movimento, Porto Alegre, 1979, p.7

<sup>7</sup> STEIN, Emílio. Instauração do sentido. Movimento, Porto Alegre, 1977, p.76.

<sup>8</sup> MORAES, Carlos Dante. Figuras e ciclos da história rio-grandense. Globo, Porto Alegre, 1958, p.191-4.

<sup>9</sup> DACANAL, José Hildebrando. O romance de 30. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1982.

<sup>10</sup> XAVIER, Paulo. A Estância no Rio Grande do Sul. In: PRADO, Aurea et alii. Rio Grande do Sul, terra e povo. Globo, Porto Alegre, 1964.

<sup>11</sup> HOHLFELDT, Antonio. Gaúcho: ficção e realidade. Antares, Rio de Janeiro, 1982, p.78.